



## **“NADA É PERMANENTE, TUDO ESTÁ EM MOVIMENTO”: NARRATIVAS A ESCRITA DA HISTÓRIA A PARTIR DE CHINUA ACHEBE**

Katarina Kristie Martins Lopes Gabilan, Claudia Mortari

<sup>1</sup> Acadêmica do Curso História FAED/UDESC - bolsista PROBIC/UDESC.

<sup>2</sup> Orientadora, Departamento de História FAED/UDESC – [claudiammortari@gmail.com](mailto:claudiammortari@gmail.com)

Palavras-chave: História da África, Literatura, narrativa, estudos pós-coloniais e decoloniais

Este trabalho tem como proposta apresentar algumas das reflexões resultantes das discussões realizadas no âmbito do desenvolvimento da pesquisa Modos de ser, ver e viver: o mundo Ibo a partir da escrita de Chinua Achebe (África Ocidental, séc. XX). A pesquisa tem como objetivo apontar os caminhos trilhados através do questionamento das tradições eurocêntricas presentes na produção do conhecimento e o rompimento das visões essencializadas e estereotipadas das inúmeras experiências e vivências, no passado e no presente, das populações africanas. Neste sentido, nossas reflexões se debruçam *sobre* e *com* a pessoa e a escrita do nigeriano Chinua Achebe (1930-2013), discutindo o papel social e político da sua produção literária bem como a possibilidade de, a partir da análise desta, apontar evidências para a compreensão dos processos históricos ocorridos nas sociedades igbo no contexto do século XX, tendo como fonte de análise a sua obra *Things Fall Apart/O Mundo se Despedaça* (1959), produzida e publicada no contexto da independência da Nigéria.

Achebe foi professor e crítico literário, e em sua trajetória estudou literatura inglesa, onde começou, sobretudo a partir de 1948, a se envolver em discussões acerca das imagens representadas de África pela narrativa colonial. Se posicionando frente ao esforço da “reescrita da história” ao redor do mundo, em entrevista o autor expressa que é um grave crime qualquer pessoa se impor a outra, apropriar-se de sua terra e de sua história, e o processo e compromisso de reescrever a história se configura enquanto um “equilíbrio das histórias” ao redor do mundo. Quando questionado<sup>1</sup> sobre como sua carreira está baseada em “contar nossas próprias histórias”, o escritor expressou que é preciso fazer esse tipo de coisa em larga escala para mudar a imagem dominante de África que vem sido formada há centenas de anos.

A pesquisa tem como referenciais teóricos-metodológicos discussões do campo dos estudos pós-coloniais e decoloniais. Dessa forma, indagamos como Achebe a partir das literaturas, apresenta sua perspectiva acerca dos processos históricos ocorridos em Nigéria e, em especial, aspectos do modo de ser e viver do grupo. Com isso, além da escrita literária, procedemos com a análise de documentação histórica de entrevistas e biografias do autor que

<sup>1</sup> Disponível em: <http://www.theafricareport.com/West-Africa/an-interview-with-late-nigerian-author-chinua-achebe-by-helon-habila.html> Acesso em: 8/8/2018

indicam seus posicionamentos, suas denuncias, seu contexto e experiência. Vemos que a crítica pós-colonial dialoga com o que Achebe se propõe enquanto escritor e teórico literário, questionando o discurso ocidental hegemônico das estruturas do saber, pensando e elaborando estratégias narrativas para a construção da visibilização de histórias. Compreendemos que a crítica pós-colonial vem como necessidade histórica de elaborar estratégias contra-hegemônicas colocas com o projeto da colonização que procurou homogeneizar o mundo (SANTOS; MENEZES, 2009, p.17), um discurso europeu que de acordo com Mbembe (2014, p. 28) passa a pensar, classificar e imaginar os mundos. Achebe se insere como um dos contrapontos a essa escrita de mundo, se contrapõe as narrativas coloniais e imperiais da modernidade. De acordo com o autor<sup>2</sup>, e como indica a visão Igbo acerca do mundo: “Nada é permanente, tudo está em movimento”. Portanto, tudo é passível de novas interpretações, mudanças e transformações. Achebe, expressa ainda que sua escrita, afinal, por trás de tudo isso “é um desejo de tornar a nossa experiência no mundo melhor. Ao pensar a história do mundo o autor a define enquanto complexa<sup>3</sup> demais para ser colocada em uma definição única e pura, expressa que seu posicionamento frente a criação de narrativas por meio da arte literária é conversar com o mundo, é colocar as narrativas em movimento e deixá-las interagir.

Um dos indícios do que foi apontado anteriormente na análise que realizamos da sua obra *Things Fall Apart/O Mundo se Despedaça*, e que expressa o seu olhar acerca da sociedade Igbo, se refere aos provérbios presentes em toda a sua narrativa. Com o uso da língua inglesa, enquanto ferramenta à seu favor, vemos que a sua escrita está imersa na cosmovisão e oralidade, ou seja, permeada pelos modos de ser e viver Igbo. Um exemplo emblemático neste sentido é a expressão no início da narrativa: “entre os Ibos, a arte da conversação é tida em alto conceito, e os provérbios são o azeite de dendê com o qual as palavras são engolidas” (ACHEBE, 2009 (1958), p.26). É possível perceber ao longo da obra que os provérbios estarão presentes em diversos contextos de diálogos e na própria narração. É por meio na narrativa de Achebe, pela própria estrutura literária e modo como expressa a linguagem, articulando linguagem oral e escrita, escrita inglesa permeada pela língua Igbo, que vemos uma sociedade oral e, por meio das expressões da oralidade, podemos compreender modos de ser e viver igbo. Nesta cultura, os provérbios são preservados e atuam enquanto constitutivos da transmissão de saberes e de ligação com o mundo dos ancestrais, aspectos indicativos da cosmovisão ibo e que permite a compreensão das próprias tradições e sua historicidade. Conforme afirma Zuleide Duarte “A performance que acompanha essas narrativas responde pela atualização constante dos ensinamentos, tornando-se exercício vivo e interativo entre os membros da sociedade” (2009. p.182). A oralidade atua, portanto, como manifestação da sabedoria ancestral do povo ibo, sendo as pessoas mais velhas ligadas intimamente com a transmissores de saberes.

<sup>2</sup> Entrevista de 1989 disponível em: <http://muse.jhu.edu/article/411026> Acesso em: 8/8/2018

<sup>3</sup> Entrevista disponível em: <https://entrevistacomautoresblog.wordpress.com/2016/01/15/entrevista-com-chinua-achebe/> 8/8/2018